



Francisco Simões  
Investigador Auxiliar no ISCTE

## Um dia pela vida

**A**proxima-se a época do ano em que somos convidados a refletir sobre a dádiva. Esse convite segue, obviamente, o preceito cristão mas também os ritos pagãos associados ao estabelecimento das sociedades agrícolas. Assim que abandonamos as práticas recoletoras e o nomadismo há cerca de dez mil anos para passarmos a ser uma espécie maioritariamente sedentária, vigilante dos seus direitos de propriedade e dedicada à agricultura, a colheita transformou-se em celebração, mas também em partilha. A dádiva associada aos calendários pagão e cristão seguirá, por certo. Mas o contributo a uma causa, aos outros e até ao nosso futuro coletivo desconhece, muitas vezes, datas marcadas. Nessa forma espontânea e, quiçá, mais autêntica é bem mais difícil de sustentar o ímpeto de dar sem esperar algo em troca.

Um exemplo pleno da dádiva sem recurso a protocolos ou liturgias é o

movimento Um Dia Pela Vida. Esta é uma iniciativa promovida pela Liga Portuguesa Contra o Cancro enquadrada num programa internacional promovido pela American Cancer Society. Este movimento que tem tido uma expressão significativa nos Açores assenta em três grandes objetivos.

### Um exemplo pleno da dádiva sem recurso a protocolos ou liturgias é o movimento Um Dia Pela Vida.

Desde logo pretende-se mudar a atitude da comunidade e de cada um de nós face à doença, demonstrando que o cancro não é uma sentença de morte. Por outro lado, Um Dia Pela Vida é, também, uma campanha pedagógica, educando e informando sobre a importância da prevenção como caminho prioritário para a cura. Por

fim, esta iniciativa promove uma angariação de fundos para programas e atividades de apoio ao doente da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Nenhum dos objetivos a que se propõe Um Dia Pela Vida é, evidentemente, mais importante que os restantes. Todavia, é o esforço de muitos voluntários na angariação de fundos que revela a força deste movimento. Na prática, o projeto é desenvolvido durante um período de três a quatro meses que culmina com a grande festa de encerramento.

Durante esse tempo, as diversas equipas organizam-se de forma espontânea para organizarem as suas próprias atividades e recolherem fundos para a campanha. Esse trabalho conjunto culmina num evento final em que durante vinte e quatro horas é mantida uma caminhada coletiva, símbolo da esperança e da superação de quem busca a cura, a qual decorre em paralelo com outras atividades

de celebração ou aprendizagem, mas também de evocação daqueles que, infelizmente, partiram.

O projeto Um Dia Pela Vida arranca na Ilha Terceira, esta semana, mais precisamente na Vila das Lajes e terá o seu encerramento em abril, na Praia da Vitória. Não conheço muito mais projetos que mobilizem tantas pessoas e de forma tão intensa. A dedicação de cada equipa e de cada voluntário é, em si, comvente, mas também nos revela que, num tempo de tantas e tão insidiosas divisões, ainda sabemos colaborar, estabelecer prioridades, dar. E tudo isso sem seguir qualquer agenda ou o calendário. ■